

A MORTE DO POVO

Willian Lima Canedo¹

Naquele dia o amanhecer não trouxe o cheiro de pão quentinho. O padeiro fora encontrado morto na cozinha, dependurado por um colar de corda preso bem firme no caibro do telhado e com um banco virado debaixo dos seus pés. Todos do lugar lamentaram. Mas também, coitado, dizia a maioria, só trabalhava o pobre miserável, nunca tinha tempo pra nada! É, coitado do seu padeiro! Quem sabe não tá até mais descansado do lado de lá, né? Deus o tenha.

Eis que fica pra trás a mulher do padeiro. Dona mulher do padeiro ajudava demais na cozinha, mas sem o marido também não dava conta sozinha do recado. Ora, se juntos os dois pobres diabos já se acabavam em massas e lenhas no forno, imagine a coitada sozinha! Seguiu a dica do marido e foi tiro e queda: atirou e caiu no chão da cozinha, fria tal qual aquele restinho de café esquecido no copo americano em cima do balcão.

Daí que no dia seguinte mais corpo encontrado. O motorista de ônibus, aquele que esperava a senhorinha todo dia no ponto em dias que ela se atrasava uns dois minutos. Se matou. Devia estar cansado dessa vida de só levar gente, falaram muitos, devia querer se levar pra algum outro lugar e viu que aquela vida não ia lhe levar pra lugar nenhum. E se levou pro lado de lá, levando consigo a vontade de não mais levar ninguém. Última coisa que levou foi uma bala na goela. A senhorinha amiga do motorista, muito triste que ficou, sem ninguém que lhe levasse mais, ficou a ver navios e não mais ficou parada esperando alguém que lhe levasse; num perfeito leva-e-traz, ficou pronto o velório dela também. Dois caixões levados por mãos de muita gente.

E no dia seguinte mais um. E no outro, mais dois. Dia seguinte quatro suicídios. Na semana foram uma dúzia. Envenenamento, enforcamento, bala na testa, faca na goela, pedra amarrada no pé e jogada no fundo do rio. A gente toda do lugar se matava. Parecia micose que pega de um pra outro pelo chão: quanto mais gente aparecia fria no chão, mais gente queria ir pra debaixo dele também.

O necrotério, lotado de hóspedes, faltava colocar uma plaquinha de NÃO HÁ VAGAS na porta. Mal saía um defunto, entrava outro. Entravam mais dois, às vezes, e os legistas já começavam a colocar os falecidos de dois em dois nas gavetas. Acho que eles não vão

¹ Graduando em Letras pela Universidade Federal do Tocantins, campus de Araguaína. E-mail: willian.lima.canedo@gmail.com

reclamar, né? Falava um pro outro, e colocavam os parzinhos na geladeira até chegar o paletó de madeira.

Parecia que o povo tinha cansado de viver, cansado de trabalhar tanto, cansado até de existir nesse mundo. Parem de vender venenos e cordas nas lojas, disse o prefeito, parem já! E sem ter o que vender, os donos das lojas de veneno todos tomaram suas mercadorias e os de cordas fizeram um grande enforcado (todos enforcados lado a lado, bem no centro da cidade). Deixaram ainda vários estoques venenosos escondidos pela região, assim como uma ou outra forca pelos arredores, só ali esperando um pescoço desistente de viver.

Vamos amar a vida! Dizia o prefeito, torcendo pra que as pessoas engolissem aquela conversa mole e sua vontade de morrer. Afinal, já era quase um terço do povo que morria. Não tinha mais padeiro, motorista, cozinheira, lavadeira, faxineira, jardineiro, limpador de carro, frentista, gari na cidade. Vamos comemorar a vida! E fazia um enorme banquete pras pessoas que restavam. Mas ninguém ia comer, pois sabia que no dia seguinte ia ter que suar pra comer o pão-que-o-diabo-amassou (porque padeiro não havia mais). E no dia seguinte mais suicidas.

E os banqueiros iam se mudando, porque já não tinha gente de quem cobrar juros. E as indústrias iam se mudando, porque já não tinha quem trabalhasse 12 horas. E os ricos iam se mudando, que já não tinha gente que fosse seu empregado.

O cemitério já estava abarrotado de morrentes. Não dava mais pra enfiar gente defunta naquele terreno, então abriram outro, que logo foi enchendo. Era cova atrás de cova, cruz atrás de cruz, cadáver quase em cima de outro cadáver. Tava feia a situação.

E de tanto trabalhar, o coveiro cansou de viver pra covear os outros. Um belo dia cavou sua própria cova e caiu encurvado dentro pra não mais voltar. Danou-se! disse o prefeito, Se morre mais um quem cava a cova? Se morre mais gente eu vou ser prefeito de quem? E, reservando pra si a última cova, matou-se. Morte do prefeito! Os poucos que restaram ficaram em suas casas.

Daí que o povo parou de se morrer. Se tinham intenção, morreu a vontade ali. Começou do nada a nascer tudo novo de novo, padeiro, lavadeira, gari, cozinheira, coveiro. Mas prefeito não, que tinham tido trabalho demais de fazer aquele morrer.

*Enviado em 18 de outubro de 2019.
Aceito em 14 de novembro de 2019.*